

Aprender e brincar é só começar.

O desenvolvimento de Gabriel através do lúdico.¹

Mariene Martins Maciel² e Argemiro de Paula Garcia Filho³

*Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito,
Caráter, bondade, alegria e amor*

*Pois não posso, não devo, não quero
Viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão*

(Milton Nascimento e Fernando Brant: **Bola de meia, bola de gude**⁴)

Introdução

Mais do que tudo, este é um depoimento. Memórias de um tempo que ainda não acabou. Também a esperança de que nossa experiência possa ser útil para outras famílias. Por ser um relato muito pessoal, optamos pela redação na primeira pessoa do plural.

Gabriel, caçula de nossos quatro filhos, nasceu em 23 de junho de 1993, e deixou de verbalizar entre 2 e 3 anos de idade, como acontece com muitas crianças autistas. Não percebia que sua imagem no espelho tinha alguma coisa a ver com ele e não respondia aos chamados. Não aceitava o toque com facilidade. Havia a suspeita de autismo mas, como olhava nos olhos e suas estereotípias eram diferentes de se balançar de um lado para o outro, não houve diagnóstico fechado, persistindo por muito tempo a esperança de haver um engano. O diagnóstico definitivo foi dado pelo Dr. José Salomão Schwartzman, em janeiro de 2003.

A música esteve presente o tempo todo. Sem conseguir falar, além da estratégia de usar as outras pessoas, Gabriel montou um repertório particular para sua comunicação. Com menos de três anos de idade, quando tinha fome, cantava “*meu lanchinho, meu lanchinho, vou comer, vou comer, pra ficar fortinho, pra ficar fortinho, e crescer, e crescer*” (com a melodia de *Frère Jacques*). Cantava, também, o *jingle* do Dia dos Pais do Shopping Itaigara, de Salvador, para agradar ao pai. Dizíamos que sua vida tinha trilha sonora.

Célia Regina Thomé, sua fonoaudióloga há oito anos, sempre insistiu na necessidade de estabelecer a comunicação com ele, não importando quais os canais. Já na primeira sessão, ela *escalou* o corpo de

¹ Trabalho apresentado no XI Encontro de Amigos pelo Autismo. São Paulo: AMA, julho de 2004.

² Mãe de Gabriel, jornalista especializada em Saúde e especialista em História.

³ Pai de Gabriel, geólogo, moderador da Comunidade Virtual Autismo no Brasil.

⁴ **Bola de meia, bola de gude** é uma das músicas preferidas de Gabriel.

Gabriel com os dedos, recitando: “*formiguinha, formiguinha, vai subindo, vai subindo, vai buscar sua casinha*”.

O Hanen Centre (Sussen, 1999, p. Vi – tradução nossa) insiste:

A comunicação é parte essencial da vida. Através dela, nos conectamos com os outros, tornamos nossas vontades conhecidas, compartilhamos idéias e deixamos que as outras pessoas saibam como nos sentimos.

Para crianças com desordens do espectro autista, comunicar-se é tão importante quanto para as outras. Entretanto, encaram desafios especiais por causa de seus estilos de aprendizado e preferências sensoriais, as quais freqüentemente fazem a interação e a comunicação difíceis.

Stephen Shore (Shore, 2001, p. 12 – tradução nossa) relata:

Esportes sempre foram difíceis durante meus anos na escola pública. Nunca fui bom com esportes coletivos. (...) Na escola elementar, sempre fui um dos últimos escolhidos para um time. Para mim, era muito difícil detectar, interpretar e seguir todas as pistas sociais de meus colegas. (...)

Na escola média, entrei para o Clube das 100 Milhas, o que significava correr em torno de uma pista com a meta de completar 100 milhas (170 km) até o fim do semestre: me dei bem com essa atividade. Correr em torno de um campo era muito mais fácil para mim porque era um esporte solitário. (...) Minha mãe sempre me falava para me juntar aos garotos da vizinhança e jogar bola na rua, mas eu respondia ‘Odeio esportes’.

Este trabalho é a descrição de como nossa família vem se esforçando para se comunicar com Gabriel, em particular através de brincadeiras criadas ou adaptadas para estabelecer não só um canal de comunicação, mas torná-lo um indivíduo feliz e integrado com a família e a sociedade. Desde as primeiras caretas em frente ao espelho, desde a formiguinha. Como a AMA e a Maurício de Souza Produções mostram no quinto filme do personagem André, distribuído pela internet (Souza, 2002), as brincadeiras de uma criança autista são diferenciadas, mas ela brinca e interage. Depende da iniciativa e da sensibilidade daqueles que o cercam.

“...o brincar, tem todo este acervo de conteúdos em seu bojo, oferecendo a quem dele se utilizar, possibilidades naturais de sermos mais naturais, principalmente, na infância, onde construímos a nossa base principal, suporte para toda uma vida. Ser natural nos possibilita o melhor acesso a nós mesmos durante a vida, para que possamos nos observar, ora externa, ora internamente, e nessa alternância de constante re-conhecimento de si mesmo, lidamos com boa parte de nossos conteúdos, para que, finalmente, estejamos sempre nos permitindo continuar o caminhar do nosso desenvolvimento.” (Siqueira Neto, sem data)

“O brincar é essencial às crianças e nos revela de diversas formas que tem poder terapêutico natural, além de constituir auxílio na boa formação infantil, nas esferas emocional, intelectual, social, volitiva e física. Esquecer-se do brincar é também esquecer de viver com qualidade de vida, e, ao oferecermos às crianças a possibilidade de brincar, oferecemos muito mais do que o ato em si mesmo, visível aos olhos, estendemos uma perspectiva de vida melhor, um desenvolvimento mais natural e eficiente, uma socialização decorrente de tão somente brincar, e ainda mais, a possibilidade de se reconhecer como ser, na terapia constante do expressar e concretizar criativamente os recursos internos de que dispomos.” (Id, Ibid.)

Brincadeira é coisa séria

O brincar é uma necessidade para todo ser humano – talvez para todo mamífero superior. É através do brincar que a criança aprende conceitos básicos de sua cultura e da natureza que a cerca, treinando, ainda, com seus semelhantes as relações sociais que pautarão sua vida adulta. Se o autismo é uma

grande deficiência na comunicação, o brincar e, por consequência, o aprendizado do relacionamento social fica ainda mais prejudicado.

Para Winnicott (1975), o brinquedo se aproxima do sonho, reestrutura conteúdos inconscientes e faz com que a criança adquira formas oníricas de lidar com a realidade interna sem perder o contato com a realidade externa. Para ele o ato de brincar é mais que a simples satisfação de desejos. O brincar é o fazer em si; um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz a relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação da criança com os outros e com o mundo.

Levando em consideração a importância e os significados das atividades lúdicas para o desenvolvimento infantil e para o crescimento gradual da criança, que fará de suas experiências durante o brincar um modo de equivalê-las às dos adultos, podemos concluir que a ludicidade é parte integrante do processo de construção da personalidade da criança. Quando esta criança encontra-se num período de adoecimento temporário ou crônico, ela passa por um período de crise, onde a adaptação externa e interna encontram-se abaladas.

Para Winnicott (1975) é bom recordar que o brincar é por si mesmo uma terapia, imediata e universal, que se refere a própria da saúde, facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais e pode ser uma forma de comunicação. Relata que se a criança não pode brincar, então algo precisa ser feito para ajudá-la a tornar-se capaz, pois o brincar é essencial para que ela manifeste sua criatividade e descubra características próprias. (Saúde Brasil, sem data).

Como lembra, ainda, Maluf (2000):

Brincar juntos reforça laços afetivos. É uma maneira de manifestar nosso amor à criança. Todas as crianças gostam de brincar com os professores, pais, irmãos, e avós. A participação do adulto na brincadeira com a criança eleva o nível de interesse pelo enriquecimento que proporciona, pode também contribuir para o esclarecimento de dúvidas referentes as regras das brincadeiras. A criança sente-se ao mesmo tempo prestigiada e desafiada quando o parceiro da brincadeira é um adulto. Este, por sua vez pode levar a criança a fazer descobertas e a viver experiências que tornam o brincar mais estimulante e mais rico em aprendizado.

Encontramos em Klinta (2001) idéias que vieram ao encontro de todo esse esforço que vínhamos desenvolvendo de forma empírica, reforçando nossas certezas. É ela quem afirma que “no encontro com crianças com necessidades especiais é necessário usar também uma maneira especial. É importante que a criança seja tratada a partir de suas possibilidades e que experimente o sentimento de ser bem-sucedida, de que é capaz no seu meio-ambiente e, talvez, também junto com outras crianças. (...) Piaget dá ênfase ao significado do desenvolvimento sensorio-motor como o primeiro estágio do pensamento abstrato” (Id., *ibid.*, p. 27).

Brincando com Gabriel

Descrevemos a seguir algumas das brincadeiras que fizemos e fazemos com Gabriel. Muitas delas são adaptações de jogos que nós mesmos, seus pais, brincamos na infância. Temos consciência da importância que o brincar tem. Mas, acima de tudo, poder brincar com nossos filhos é uma atividade prazerosa. Embora só tenhamos travado contato com a obra de Klinta (2001) em 2003, vimos que muitos dos exercícios sugeridos nela já correspondiam a nossas atividades.

Fazendo bolo

Um dos jogos que fazíamos muito com Gabriel (e com seus irmãos, cada um a seu tempo) era o de *fazer bolo*. Com ele deitado, juntavam-se dois, três ou mais membros da família (mãe, pai, irmãos). Começávamos:

– “Vamos fazer bolo de Gabriel!”

À medida que se anunciava cada ingrediente, fazíamos cócegas, com gestos e onomatopéias específicas:

– “*Vamos botar... manteiga! Quatro colheres! Tchóft! Tchóft! Tchóft! Tchóft!*” – e “tapinhas” com as mãos em concha, imitando a colher.

– “*Agora, açúcar! Três xícaras! Tchiiii! Tchiiii! Tchiiii!*” – e os dedos corriam por seu corpo, como se fosse o açúcar sendo despejado na tigela. – “*Mexe, mexe, mexe...*” – e mais massagens, agora com as mãos espalmadas.

– “*Farinha! Três xícaras! Tchiiii! Tchiiii! Tchiiii! Mexe, mexe, mexe...*”

– “*Leite! Um copo! Chuáááá! Mexe, mexe... Nescau! Mexe, mexe... Fermento!*”

Feita a massa, o bolo ia para o forno: cobríamos Gabriel com um cobertor ou um lençol. Por último, a hora de comer, quando...

– “*O bolo está pronto! Vamos comer o bolo! Nhoc! Nhoc! Nhoc!* – com “mordidas” de brincadeira de todos os *cozinheiros*.

Esta brincadeira auxiliou muito na redução da hipersensibilidade, tão comum nas pessoas autistas. Também serviu para sua integração com o grupo familiar.

Atividades da Vida Diária

Nunca afastamos Gabriel das atividades diárias da família. No afã de trazê-lo para o mundo da comunicação, e também para garantir sua autonomia dentro de casa, primeiro passo para sua independência, desenvolvemos as atividades diárias com ele do lado, no colo ou mesmo literalmente inserido no contexto, como quando a mãe lavava roupa com ele dentro no tanque. Atividades como escolher ou debulhar feijão; fazer massa de bolo ou de pastel; bater suco no liquidificador; lavar os banheiros; quaisquer tarefas do dia-a-dia contaram sempre com a participação de Gabriel. À medida que crescia, passou a se aventurar sozinho, como certa vez, em 2002, quando fritou seis ovos, um depois do outro. Fazer brigadeiro é uma arte que ele já domina; neste ano de 2004 ele aprendeu a controlar o ponto, de forma a não queimá-lo. Se, de início, ele se sentava em frente ao forno, gritando até o bolo ficar pronto, hoje ele mesmo bate a massa, pede: “*Acende forno!*”, a põe para assar e espera pacientemente o resultado. (ver, por exemplo, Garcia e Maciel, 2004, *posts* de 19/1/2004 e de 21/4/2004).

Talvez uma das mais surpreendentes brincadeiras de Gabriel foi sua recente descoberta: ao observar que o pai temperava uma carne para assar injetando-lhe vinho com uma seringa hipodérmica descartável, incorporou a brincadeira, repetindo várias vezes: “*Gabriel está dando injeção no pernil!*” Além disso, enfia pedacinhos de alho na carne com os dedos, como faz a mãe. Finalizada a tarefa, ainda põe a carne no forno e pede para os adultos acenderem o fogo.

A galinha do vizinho

Como Gabriel é muito ligado à música, foi inserida mais uma forma de lhe ensinar a contar os números, além de dar-lhe a noção de gênero e grau. A brincadeira tradicional da galinha do vizinho é feita com as crianças brincando de roda, enquanto entoam “*A galinha do vizinho bota ovo amarelinho; bota um, bota dois, bota três...*” – no dez, todos se abaixam. Uma interação desse tipo não era possível. Mas Gabriel, como boa parte das pessoas autistas, gosta muito de balançar. A alternativa encontrada foi segurá-lo pelas mãos e pelos pés, balançando-o enquanto cantavam. No “*DEZ!*” ele era jogado no sofá (ou na cama, ou na piscina). A brincadeira era tão solicitada que foi necessário controlar, definindo antecipadamente o número de vezes que se fazia (“*Agora, até o cinco!*”). (Ver Klinta, 2001, p. 55 para atividades semelhantes).

A inserção do conceito de gênero na contagem foi feita com uma recriação da música; afinal, os números 1 e 2 têm gênero. Passamos a cantar, também “*no jardim da minha vizinha, nasce flor amarelinha, nasce uma, nasce duas, nasce três...*” Outra variação era: “*nasceu uma flor, nasceram duas flores...*”

Durim-durim

De olhos bem arregalados, de frente um para o outro, vai-se falando “*Durim, durim, durim, durim, durim, durim*”, se aproximando até encostarem-se as testas, quando se fala: “*TIIIIIMMM!*” Esta

brincadeira ensinava Gabriel a esperar, e reforçava o olhar fixo nos olhos. Atividades semelhantes podem ser encontradas em Klinta (2001, p. 91).

Sem piscar! Leão da Metro!

Pedimos: “*Gabriel! Sem piscar!*” Assim ele aprendeu a fixar o olhar. O leão da Metro entrou na história porque a família teve uma videolocadora, e sobrou um bom acervo de fitas. O leão da Metro conviveu com boa parte da sua infância. Era sempre lembrado pela mãe: “*Cadê o leão da Metro? Uáááárrr!*” e Gabriel passou a pedi-lo: “*Pisca! Leão da Metro!?*” Com isso, foi possível avançar e ensinar-lhe a piscar um olho separadamente do outro, melhorando sua coordenação motora fina. Sua vontade de entender e usar as expressões faciais é tão grande que é comum encontrá-lo no espelho, treinando piscar um olho só.

A princípio, Gabriel pedia que o “leão” o mordesse na cabeça, mas se cobria com um lençol; nesses casos, a onomatopéia, além de “Uáárrr”, incluía “Nhoc! Nhoc!”. Atualmente, com quase onze anos, ele já permite que as “mordidas” sejam dadas diretamente em sua cabeça. (Id., *ibid.*).

Dançando nos pés

Dançar com a mãe, pisando sobre seus pés, não é uma atividade tão fácil. É preciso, muitas vezes, abraçá-lo, mesmo forçando um pouco, ou começar a dançar com ele no colo. (Klinta, *op. cit.*, p. 95).

Consciência do corpo

Várias brincadeiras que fazemos estão descritas por Klinta (*op. cit.*, pp. 94-96) Por exemplo, Gabriel se senta no colo do pai, no chão, que passa a balançar como se fosse uma cadeira de balanço. Ou o exercício do “avião”, descrito por Klinta (2001, p. 111). Uma variante que a mãe fazia era sentar-se em uma cadeira, e colocá-lo sentado no seu pé, de forma a balançá-lo para cima e para baixo.

Subindo pelas paredes

Literalmente, Gabriel subia nas paredes do corredor do apartamento, apoiando-se nas paredes opostas, imitando o irmão Leonardo. Por estímulo nosso, também aprendeu a subir em árvores. Essa é uma atividade que muitos autistas gostam de fazer.

Teleférico

No nosso condomínio há uma casinha de brinquedo pré-fabricada em madeira. Faz parte dela um cabo de aço com uma roldana, por onde se desliza por uns dez metros. A ansiedade em escorregar, muitas vezes o fazia pedir, mesmo quando quase só se expressava por ecolalia: “*Pai! Empurra!*”

Gabriel cara de pastel

Quando Gabriel fica nervoso muitas vezes se consegue acalmá-lo com beijos, abraços e massagem – claro, desviando das cabeçadas e unhas. Em um dos jogos para sossegá-lo a mãe recitava: “*Gabriel cara de pastel, olhos de amêndoa e boca de mel*”. Um dia, ele deu-lhe nova roupagem, com a melodia de “Atirei o pau no Gato”: “*Gabriel se parece-cê-cê com uma ca-ra-ra de pastel-tel-tel, tem os olhos-lhos de amêndoa-doa e a boca, e a boca de mel. Mel! Mel!*” (Ver atividades similares em Klinta, 2001, p. 94).

Karaokê

Usando o software Cante, com muitas músicas baixadas para o micro, que ele consegue controlar à vontade. Também acompanha os filmes de animação do *site charges.com.br* (Ricardo, 2004).

Caminhos do aprendizado

O consultório de Célia Regina Thomé, fonoaudióloga, ficava a uns dez minutos a pé da nossa casa. Nas duas seções semanais, pelo caminho, íamos mostrando e lendo as placas das ruas, as tampas de bueiros, nas quais pisava e lia o nome da empresa e o ano: “*Embasa, 1984! Coelba, 1980! Telebahia, 1974!*”. Nos intervalos entre uma placa e outra procurava sempre mostrar as plantas das casas e das ruas, as cores das casas, das plantas e das flores.

Uma estratégia conscientemente adotada por nós era alternar os caminhos, para não criar o hábito e podendo explorar novas tampas, novas flores, plantas e cores. O percurso de dez minutos, muitas vezes, tanto na ida como na volta, durava uma hora.

Usamos a mesma estratégia para leva-lo à escola ou ir ao supermercado ou ao shopping que ficam perto de casa, lendo placas, observando e comentando tudo ao redor – mesmo quando ele, aparentemente, não correspondia.

Aprendendo a ler

A leitura é um capítulo à parte, que também vem se desenvolvendo de forma lúdica. As fitas de vídeo da Abril/Disney, “*Cante com Disney*” juntavam elementos importantes: são fitas com trechos de filmes da *Walt Disney Productions*, com músicas em português e legenda, também em português. Permitiam a Gabriel ver a palavra escrita e ouvi-la cantada. Sua expressão de surpresa é inesquecível, quando entendeu que líamos e cantávamos junto com a fita: olhava do pai para a tela e de novo para o pai, com um sorriso estampado no rosto. Contribuíram muito nesse processo as *charges-o-kê* de Maurício Ricardo na internet (Ricardo, 2004), por juntarem da mesma forma música e letra.

Podemos avaliar seu grau de compreensão do que lê quando lhe pedimos para executar uma tarefa que exija a leitura. Por exemplo, no supermercado: “*Gabriel, vá pegar uma manteiga Aviação para o papai!*”

Aprendendo a nadar

Gabriel aprendeu a nadar muito cedo; com menos de cinco anos de idade já atravessava a piscina de cerca de 10 metros de diâmetro. Num primeiro momento, tentamos usar bóias de braço, mas a brincadeira durou pouco tempo. A solução foi ajuda-lo a aprender a nadar. O pai passou a entrar na água com ele nos braços. Contava: “*UM, DOIS, TRÊS E., JÁ!*” – o “já” tinha de coincidir com os seus pulmões cheios de ar – abaixava e subia rapidamente. Foi uma forma de ensinar-lhe a prender a respiração. Querendo entrar na água, mas sem suportar as bóias de braço, Gabriel passou a se segurar na escada. Com pouco tempo, mergulhava, chegando a pôr o pé no chão da piscina, que tem 1,5 m de fundo. O próximo passo foi se soltar: primeiro, sozinho, largava a escada, com a cabeça dentro da água. Depois, com o apoio dos pais, que ficavam a uma pequena distância, passou a nadar com a cabeça ainda mergulhada. Depois, aprendeu o nado cachorrinho. Passou a mergulhar para pegar objetos no fundo, passando por baixo das pernas dos adultos. A piscina do condomínio tem sido, para ele, um local de socialização. Interage bem com os adolescentes, que o acham muito divertido.

Ping-menininho-pong

Outra brincadeira dentro da água é jogá-lo de um adulto ou adolescente para o outro, como uma peteca humana. Ele aceita o contato, mesmo dos vizinhos, para poder “voar”.

Pirâmide Humana

Gabriel adora fazer pirâmide humana na piscina: o pai fica embaixo, Leonardo, ou Pedro, no ombro do pai, e Gabriel no ombro do irmão. Todos se jogam na água.

Brincando no Parque : Balanço

Para balançar Gabriel, em vez de empurrar a cadeira, toca-se em alguma parte do seu corpo, avisando com antecedência: “*Hora de empurrar pelas costas! Segurando as costelas! Segurando os ombros! Empurrando o bumbum!*” Aproveita-se para contar o número de vezes que é empurrado. Aí se introduz ainda os números pares e ímpares.

Brincando no Parque: tambor

Existe um brinquedo feito com um tambor de óleo, fixo em um eixo horizontalmente, que se torna um cilindro sobre o qual a criança pode correr. Tem servido para ensinar a esperar vez do outro e a compartilhar a brincadeira: uma vez ele, outra vez o outro e depois os dois juntos.

Brincando no Parque: gira-gira

Colocar sempre que possível com outras pessoas ou crianças e mostrando que cada momento um é responsável por empurrar o brinquedo.

Cantigas de Roda

Um trabalho que começou em casa e foi reforçado nas sessões de Musicoterapia, com Rita Dultra, que usa a mesma estratégia. A mãe já brincava com as cantigas, fazendo novas versões. Se, desde o começo, a comunicação se dava preferencialmente por meio da música, esse canal foi reforçado.

Cantigas de Roda: “Os olhos de Maria Anita”

“Os olhos de Maria Anita são pretos que nem carvão, assim Maria Anita assim, assim Maria Anita, não.

Maria Anita levanta os braços, Maria Anita sacode a saia, Maria Anita tem dó de mim Maria Anita me dê um abraço.”

Com essa cantiga de roda, a mãe cantava apontando para os olhos mostrando que são pretos como um carvão (sempre procurando mostrar pedaços de carvão), sacudindo a saia finalizando com o solicitado – muitas vezes forçado – abraço.

Em outra versão, “**Maria Anita**” era trocada por “**Gabrielzinho**”: *“Os olhos de Gabrielzinho são pretos que nem carvão, assim, Gabrielzinho, assim, assim Gabrielzinho, não. Gabrielzinho levanta os braços, Gabrielzinho sacode a camisa, Gabrielzinho tem dó de mim. Gabrielzinho me dê um abraço.* Muitas *caras de choro* eram feitas para que viesse o abraço mais espontâneo e confortador. Também era uma forma de ensinar-lhe expressões faciais.

Cantigas de Roda: “Se esta rua fosse minha”

Se esta rua, esta rua fosse minha, eu mandava eu mandava ladrilhar, com pedrinhas com pedrinhas de brilhantes para o Gabriel passar. Mas como ela como ela não é minha vou mandar vou mandar passar sabão para quando o Gabrielzinho passar, escorregar e bater o bumbum no chão. (Nesse trecho todos se jogam no chão e Gabriel dá muitas gargalhadas).

Cantigas de Roda: “O sapo não lava o pé”

Com essa cantiga, além de se alternar o sapo com o nome de muitas pessoas se introduz o local de moradia de quem é citado na música. Para os moradores de Salvador, é cantado o nome do bairro ou do prédio; para os demais, o da cidade.

Para o tio que mora em Irecê (BA), por exemplo, fica: *“Jairo não lava o pé, não lava porque não quer! Em Irecê tem muita água, preguiçoso é o que ele é.”*

As sessões de Musicoterapia exploram muito esse lado de dar novas versões, construindo “paródias” de músicas conhecidas;

Brincadeiras inventadas por Gabriel

Artista

Gabriel adora gravar suas canções, tocando-as em seguida. Gosta muito, também, de ser fotografado quando está fazendo suas brincadeiras e “atividades de vida diária”; pede, por exemplo: *“Olha o Gabriel pintando a parede...”*. Assim é que temos muitas fotografias dele em ação.

Enfermeiro

Depois de aprender a partes do corpo, passou a fazer curativos em si mesmo e nos familiares. Pede: *“meu joelho está doendo! Vamos fazer curativo no joelho?”* gastando muito esparadrapo, bandagens, faixas e outros tipos de “tratamento”.

Telefone

Um jogo que Gabriel inventou é pegar o telefone e gritar para alguém da casa: “*Pai! Telefone! Alô! Quem tá falando? É o Argemiro! Tá bom. Tá. Tchau!*” Chamava várias pessoas, uma de cada vez, repetindo o roteiro.

Conclusão

As brincadeiras foram e são as grandes aliadas para fazer de Gabriel um menino feliz, integrado, capaz de aceitar com naturalidade beijos, abraços, afagos e também de retribuir com muito carinho e amor. Acreditamos em nosso filho. Sabemos que tem potencial de aprendizado e que precisamos encontrar a melhor maneira de ajudá-lo a se desenvolver. Encontrar respaldo na literatura serviu para reforçar nossas certezas.

Nossa experiência pode e deve ser estendida a outras crianças nas mesmas condições. Citando Feuerstein (sem data), “*não devemos permitir que uma só criança fique em sua situação atual sem desenvolvê-la até onde seu desempenho nos permita descobrir que é capaz de chegar.*”

Referências

AMA, Associação de Amigos do Autista & Souza, Maurício de – *Filmes sobre autismo*. Filmes de animação em Macromedia Flash, divulgados em rede nacional de televisão e distribuídos pela internet em formato .exe executável. Maurício de Souza Produções e Associação de Amigos do Autista – São Paulo: AMA, 2002.

Feurstein, R. – *A crença na modificabilidade estrutural cognitiva*. Aulas ministradas por Feuerstein entre 1995 e 1999. *in*: rodapé das mensagens da Comunidade Virtual Autismo no Brasil. (sem data).

Garcia Filho, Argemiro de Paula e Maciel, Mariene Martins – *Canto de Anjo*. <http://www.cantodeanjo.blogspot.com.br> ou <http://www.geocities.com/cantodeanjo/>. Salvador, 2004.

Klinta, Cia – *Autoconfiança, comunicação e alegria do movimento através dos movimentos Sherborne – “Relation Play”*. Trad. Vera O. Juhlin. 118 p. Ilustr. São José dos Campos: Univap, 2001.

Maluf, Ana Cristina Munhoz – *O lúdico é o parceiro do professor*. <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=270>. Psicopedagogia on line, 2000.

Ricardo, Maurício – <http://www.charges.com.br>.

Saúde Brasil – *3º Prêmio Saúde Brasil “Amigos do Sorriso”*. Texto de apresentação disponível em 30/4/004 no *website* http://www.saudebrasilnet.com.br/premio_saude/2003/trabalho29.asp (sem data).

Shore, Stephen – *Beyond the wall. Personal experiences with autism and Asperger Syndrome*. 174 p. Ilustr. Autism Asperger Publishing Company – USA, Kansas: AAPC, 2001.

Siqueira Neto, Armando Correa – *O brincar no desenvolvimento infantil*. Psicólogo, Faculdade Paulistana de Ciências e Letras. Texto disponível em 30/4/2004 no *website* da Academia Brasileira de Psicologia: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl59.htm> e no *website* do Espaço Winnicott: <http://www.espacowinnicott.com.br/coord0.asp>.

Sussman, Fern – *More than words. Helping parents promote communication and social skills in children with autism spectrum disorder*. 424 p. Ilustr. Canada, Toronto: The Hanen Centre, 1999.

Winnicott, D. W. – *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.